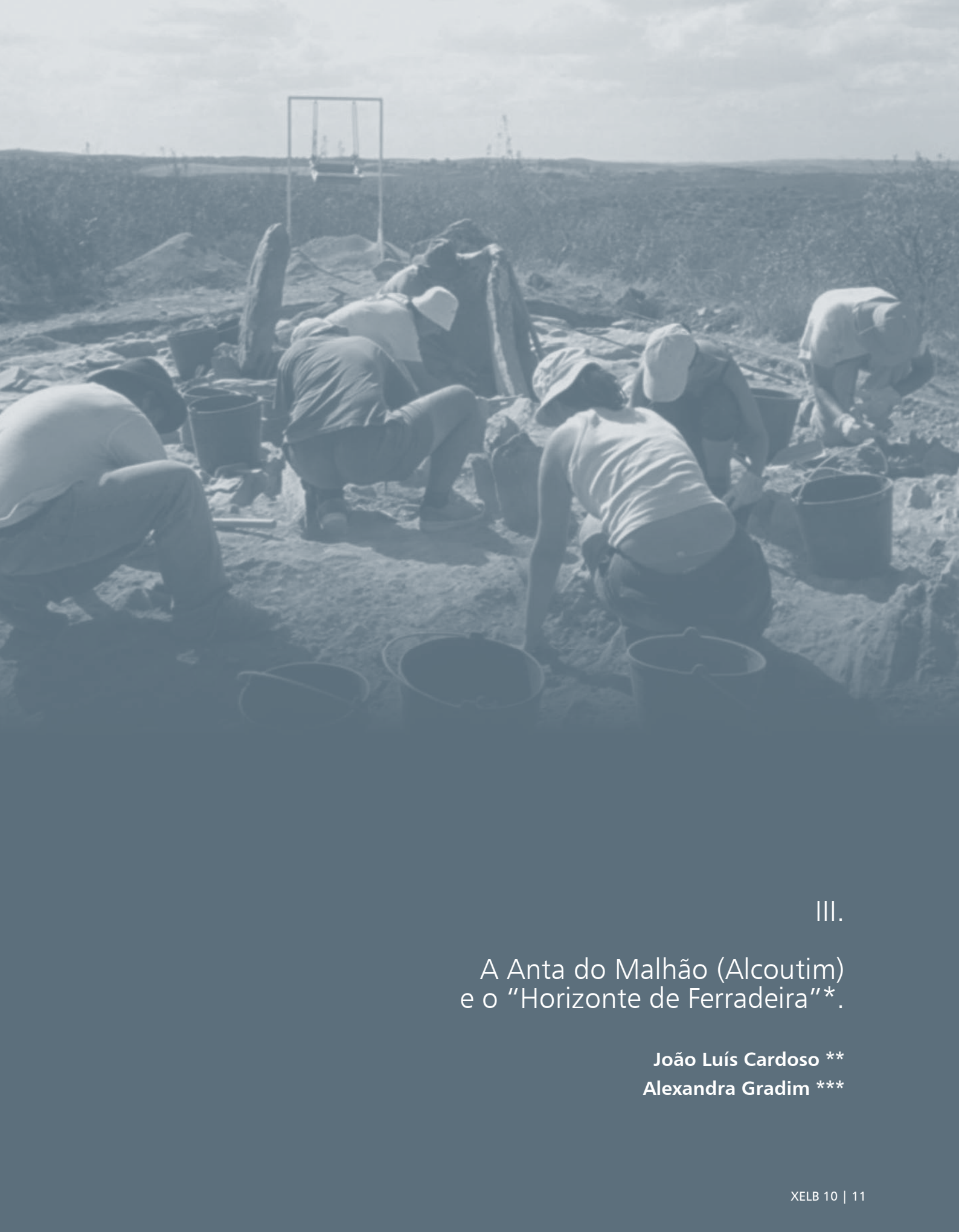


XELB₁₀

Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve
Silves - 22, 23 e 24 Outubro 2009





III.

A Anta do Malhão (Alcoutim)
e o “Horizonte de Ferradeira”*.

João Luís Cardoso **
Alexandra Gradim ***

Resumo

A anta do Malhão é um pequeno monumento megalítico integralmente constituído por esteios de grauvaque cuja construção se reporta aos finais do IV milénio a.C., situado no topo de um cerro xistoso, culminante dos relevos da região, próximo da povoação de Afonso Vicente.

Possui câmara poligonal e corredor, do qual apenas a entrada foi definida, por dois esteios fixados verticalmente. O restante espaço do corredor não foi afeiçoado, mantendo-se o afloramento xistoso primitivo no lugar onde deveriam ter sido fixados os restantes esteios laterais. Deste modo, verifica-se que a construção do sepulcro não foi concluída, apesar de o espaço correspondente ao interior da câmara se encontrar inteiramente ocupado por uma laje de grandes dimensões, o que obrigou a um elevado investimento. A colocação desta grande laje antecedeu a delimitação da câmara pelos respectivos esteios, os quais se encontram fixados por cunhas, encaixadas entre aquela e o lado interno destes.

A primeira e única tumulação, efectuada na câmara e em parte do corredor, corresponde a época integrada em fase tardia do Horizonte de Ferradeira, dos finais do III milénio a.C. Sobre uma camada estéril, com cerca de 10 cm de potência, entretanto acumulada no interior da câmara, identificou-se um vaso liso, de carena alta, acompanhado de uma pequena taça em calote, também lisa, sob a qual jazia uma ponta Palmela de tipologia evoluída. No corredor, junto à câmara, recolheu-se um longo e estreito punhal, correspondendo a modelo de transição entre as produções calcolíticas e as argáricas. Trata-se, pois, de um conjunto funerário, selado e homogéneo, um dos poucos que, nestas circunstâncias têm sido claramente identificados no âmbito do Horizonte de Ferradeira, definido por H. Schubart em 1971, abrangendo o Baixo-Alentejo e o Algarve, com prolongamentos pela Andaluzia Ocidental.

A única tumulação efectuada no monumento, correspondente a uma reutilização deste, foi acompanhada da erecção, no exterior do recinto, e do lado direito da entrada do mesmo, de uma estela, ostentando duas pequenas “fossetes” numa das faces, cuja fundação se fez ao nível definido por um empedrado com planta em ferradura, constituído por lajes alongadas de grauvaque, que circundam exteriormente a câmara do monumento. A disposição cuidada dos elementos deste empedrado indica que o monumento não possuía *tumulus*, à semelhança do verificado em outros monumentos funerários da região, de tipo cistóide, pertencentes a diversas épocas, do Neolítico Final/Calcolítico à Idade do Ferro, explorados anteriormente pelos autores desta comunicação no concelho de Alcoutim.

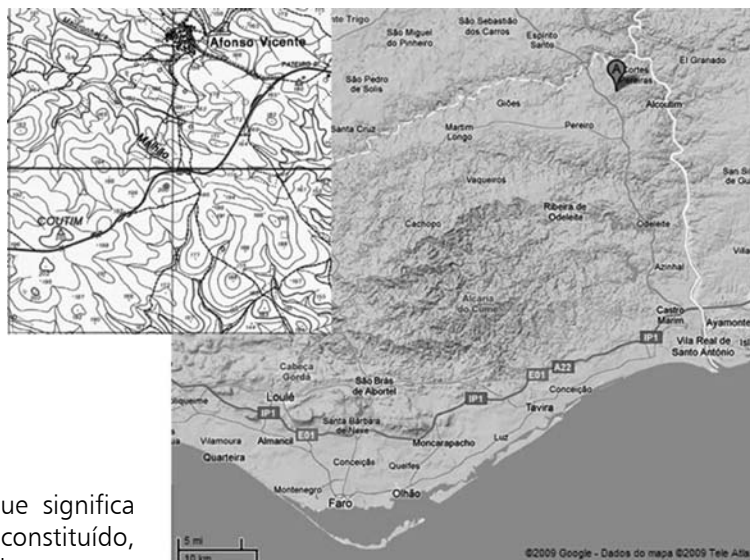
Abstract

The dolmen of Malhão is a small megalithic monument totally constituted by orthostats of graywacke whose construction dates from the late IV Millennium BC, located on the top of a schist-graywacke hill, dominating the regional reliefs close to the village of Afonso Vicente. It has a polygonal chamber and corridor, of which only the entrance was defined, by two orthostats fixed vertically. The remaining space of the corridor was not shaped maintaining the schist-graywacke rocky levelling in the place where the other lateral orthostats should have been. In this way, we can see that the construction of the sepulchre was not concluded though the corresponding space of the interior of the chamber is entirely occupied by a slate greywacke stone of large dimensions, which has obliged to a huge investment. The placing of this element has preceded the delimitation of the chamber by the respective orthostats, that if fixed by wedges, between it and the inner side of each orthostat. The first and unique tumulation performed in the chamber and part of the corridor, corresponds to an epoch integrated in the late phase of the Horizon of Ferradeira, in the final of the III millennium BC. Over a sterile layer with about 10/15 cm of thickness, meanwhile accumulated in the inner part of the chamber, we have identified a smooth carinated vase, accompanied by a small spherical callote cup, under which laid a Palmela point of evolved typology. In the corridor, next to the chamber, we have collected a long and narrow dagger corresponding to a model of transition between the chalcolithic and argaric metallurgic productions. It is a group of funerary pieces sealed and homogeneous, one of the few that in these circumstances have been clearly identified as belonging to the Horizon of Ferradeira defined by H. Schubart in 1971, including the Baixo Alentejo and Algarve regions, with extensions to the Western Andaluzia. The sole deposition identified in the monument corresponds to a reutilization of it, and it was accompanied by the erection in the outside part of the precinct, and to the right side of it, of a stele showing one or two small fossettes in one of its faces. Its foundation was done at the level defined by a stone surface with a plant in horseshoe, constituted by elongated elements of graywacke, which surround in the exterior the chamber of the monument. The attentive disposition of that elements indicates that the monument did not possess *tumulus*, similarly to what was verified in other funerary monuments in the region, of the cist type, belonging to several epochs, from the Late Neolithic/Calcolithic to the Iron age, exploited previously by the authors in the municipality of Alcoutim.

* Trabalho redigido pelo primeiro signatário, com base nos resultados das escavações por ambos obtidos.

** Professor Catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

*** Arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim.



1. Introdução

A Anta do Malhão (substantivo que significa amontoado de pedras intencionalmente constituído, em geral relacionado com a limpeza dos terrenos para a agricultura cerealífera), foi identificada em 1997 por um de nós (A. G.), na sequência de informação recebida de um funcionário da Câmara Municipal de Alcoutim que, no decurso das suas actividades cinegéticas, reparou no estranho conjunto formado por várias pedras fincadas ao alto, no topo do cabeço do mesmo nome. O monumento manteve-se inédito, apesar de, já naquele ano, o então Instituto Português de Arqueologia ter tomado conhecimento da sua existência, através da visita que técnicos da delegação de Silves do IPA ali efectuaram e, depois, por via do relatório não publicado apresentado pela referida Arqueóloga (Gradim, 1999).

A intervenção arqueológica, efectuada em Setembro de 2004 e inscrita na categoria C (acções preventivas a realizar no âmbito de trabalhos de minimização de impactos devidos a empreendimentos públicos ou privados, em meio rural, urbano ou subaquático), foi motivada pela existência de um caminho florestal, aberto com maquinaria pesada, que atingiu a estrutura periférica do monumento, até então preservado, o qual, apesar de se encontrar num ponto destacado da paisagem e facilmente acessível, se manteve quase intacto por se encontrar dissimulado pela densa cobertura arbustiva de estevas (*Cistus ladaniferus* L.). A abertura do referido acesso veio alterar tal situação, aumentando a visibilidade do monumento, a qual, somada à evidente fragilidade deste, prenunciava a sua potencial destruição, a prazo, até por se integrar em zona de caça muito frequentada.

Fig. 1 – Localização da anta do Malhão na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000 (círculo negro), Folha 575 (Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército) e na região do sotavento algarvio. Cada lado da quadrícula corresponde a 1 km.

2. Localização e geomorfologia

As coordenadas do monumento, lidas na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, Folha 575, são as seguintes (Fig. 1):

37° 29' 15'' Latitude Norte

7° 32' 25'' Longitude Oeste de Greewich

Trata-se de cabeço de contorno suave, atingindo cerca de 200 m de altitude, constituído por xistos do Carbonífero superior (*Culm*), integrando o conjunto dos pequenos relevos característicos daquela litologia, que Orlando Ribeiro designou sugestivamente por “mar de xisto”, por se assemelharem, pelo seu aspecto uniforme e monótono e, ao mesmo tempo, variado e movimentado, à superfície de um vasto lençol de água. A referida elevação, no topo da qual se implanta o monumento (Fig. 2), corresponde a um dos relevos culminantes da região, dali se desfrutando uma magnífica paisagem panorâmica de 360° em redor. O local distancia cerca de 1 Km para Sul da povoação de Afonso Vicente (Monte, na terminologia da região), que é sede de freguesia, a onde se acede pela estrada municipal 507, que passa no sopé da elevação.



Fig. 2 – O cerro do Malhão, ponto culminante da paisagem envolvente, no topo do qual se localiza o megálito. Foto J. L. Cardoso.



Fig. 3 – Anta do Malhão. Vista do monumento envolto em estevas, e parcialmente coberto por amontoado de blocos de grauvaque (“malhão”) antes da escavação. Foto A. Gradim.

3. Trabalhos efectuados

Os trabalhos realizaram-se entre os dias 6 e 10 de Setembro de 2004, tendo sido dirigidos pelo primeiro signatário, depois de obtida, a 2 de Julho desse ano, a respectiva autorização, por parte do IPA, e contaram com o apoio permanente do segundo signatário, que, na qualidade de Arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim, providenciou a disponibilização dos meios logísticos e materiais indispensáveis à realização dos trabalhos de campo. Nestes colaboraram, de início ao fim dos trabalhos, os seguintes elementos:

Daniela Santos, aluna de Arqueologia da Universidade Aberta;

Fernando Dias, Técnico de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcoutim;

Gil Lopes, aluno do ensino secundário;

João Pereira Brandão, aluno do ensino secundário;

Marcos Santos, aluno de Arqueologia da Universidade do Algarve;

Susana Martins, aluna de Arqueologia da Universidade do Algarve.

Os registos de campo foram executados por Alexandra Gradim, com o apoio de Fernando Dias (exceptuando o da estela correspondente à Fig. 11), cuja responsabilidade é da referida arqueóloga), sendo a respectiva tintagem da autoria de Bernardo L. Ferreira, que também se encarregou dos desenhos dos materiais arqueológicos, exceptuando o vaso da Fig. 9, desenhado por F. Martins.

Antes da intervenção, o monumento encontrava-se envolto em estevas (Fig. 3) e, à sua volta, acumulavam-se blocos de grauvaque, cuja presença estará na origem do topónimo. Assim, depois de desmatado o terreno, estabeleceu-se quadrícula, com vista à escavação do monumento e da sua área circundante (Fig. 4), por decapagens sucessivas, até se pôr a descoberto, na íntegra, toda a estrutura tumular e respectiva envolvência, que jazia a muito pequena profundidade (Fig. 5), registando-se a posição em planta dos materiais exumados, os quais darão entrada no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcoutim.

4. Resultados obtidos

4.1. Arquitectura

Trata-se de monumento integralmente constituído por ortóstatos de grauvaque de dimensões modestas, rocha disponível localmente, integrando-se no conjunto dos pequenos dólmenes com câmara poligonal e corredor, comuns em outras regiões do país, como o sul da Beira Interior, recorrendo, também, ao mesmo tipo de matéria-prima (Cardoso, 2008). Tal não significa, contudo, que não existam grandes monumentos dolménicos – ainda que escassos – na região, com esteios de grauvaque, de grandes dimensões: é o caso das antas das Pedras Altas (Tavira) e da anta do Curral da Castelhana (Alcoutim) (Gonçalves, 1989). Assim, o comprimento total da estrutura funerária propriamente dita, correspondente apenas à sua câmara e corredor, é de 3,6 m e a largura máxima da mesma, observada na câmara é de apenas 1,5 m, medidos do lado externo (Fig. 9).

Da câmara, subsistem aparentemente todos os cinco esteios que originalmente a integravam, cuja altura máxima não ultrapassa 1,0 m (Fig. 10), dos quais três ainda se encontram *in situ*, um tombado para o lado externo e o último como tal considerado, embora de menores dimensões, atravessado do lado esquerdo da câmara (Fig. 6). Esta encontra-se com a abertura voltada aproximadamente para ESE, orientação que, na generalidade, não sendo a mais comum aos monumentos da região de Reguengos de Monsaraz, é, ainda assim, neles frequente (Gonçalves, 1992, Fig. 2).

A câmara comunica com corredor inacabado, cuja entrada se encontra definida, de ambos os lados, por dois esteios de grauvaque, de menor tamanho e, sobretudo, de muito menor altura do que os da câmara.

O processo de fixação dos esteios ao substrato geológico, tanto os da câmara, como do corredor, foi garantido pela abertura de roços, reforçando-se a estabilidade através de grosseiras lascas de grauvaque funcionando como cunhas.

Aspecto a realçar é a grande laje de grauvaque que ocupa integralmente o chão da câmara do monumento. Trata-se de um elemento de contorno natural aproximadamente hexagonal, tendo tal geometria condicionado a planta da câmara, uma vez que os esteios que a constituem se encostaram às



Fig. 4 – Anta do Malhão. Vista do monumento em curso de escavação. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 5 – Anta do Malhão. Vista parcial da área escavada, no final dos trabalhos, obtida do lado posterior do monumento, de pequenas dimensões. Note-se a existência de um empedrado, constituído por blocos alongados de grauvaque dispostos externamente, em torno da câmara, indício de que esta não seria coberta por *tumulus*. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 6 – Anta do Malhão. Vista total da área escavada, no final dos trabalhos, obtida do lado frontal do monumento. Evidencia-se, em primeiro plano, o substrato geológico, quase aflorante e os dois primeiros esteios do corredor, cravados naquele, em orientação discordante à da estratificação, o que, tornando muito mais difícil a sua implantação, é prova de que a orientação adoptada fora previamente definida. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 7 – Anta do Malhão. Aspecto geral da câmara do monumento, integralmente ocupada por uma grande laje de grauvaque, à volta da qual se ajustaram os diversos esteios, através de cunhas, bem visíveis na imagem. Em primeiro plano, aflora uma proeminente bancada de grauvaque, a qual teria de ser rebaixada para a ligação do corredor à câmara do monumento, não concluída. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 8 – Anta do Malhão. Vista da grande laje que ocupa integralmente a câmara do monumento. Foto de J. L. Cardoso.

faces laterais desta grande laje, sendo perfeitamente visíveis as cunhas de pedra que se fixaram entre esta e aqueles, por forma a assegurar a sua estabilidade (Fig. 8).

Face à orientação que foi dada ao corredor, verifica-se que este monumento não possui esteio de cabeceira, já que a zona da câmara directamente oposta à sua entrada corresponde à reunião de dois esteios (Fig. 9). Esta situação pode ficar a dever-se à prévia orientação do corredor, determinada pelos dois esteios que marcam a sua entrada, podendo tal facto, eventualmente, estar na origem do abandono do monumento, quando dele já estava construída a câmara.

Outra particularidade notável deste monumento observa-se na área do corredor. Com efeito, as duas lajes cravadas no substrato geológico, que delimitam de ambos os lados a sua entrada, não foram prolongadas por outras, encontrando-se o espaço intermédio, até à entrada da câmara, por regularizar e desprovido de esteios (que nunca ali foram colocados), ocupado pelo substrato geológico em bruto (Fig. 6). Esta realidade encontra-se particularmente evidenciada pela existência de uma bancada de grauvaque proeminente, no interior do espaço correspondente ao corredor e a uma cota mais elevada que a da câmara (Fig. 7), que seria forçoso rebaixar para regularizar o interior do monumento. Em conclusão, verifica-se que o corredor deste monumento, cuja construção se iniciou pela entrada, definindo desde logo a sua orientação, ficou inacabado, contrastando com o cuidado dispensado à câmara, pela colocação da grande laje que preenche integralmente o seu interior, aspecto que se afigura inédito no quadro do megalitismo do território português.

O exterior do monumento encontra-se envolvido por um empedrado constituído por lajes de grauvaque, em geral alongadas, dispostas em torno da câmara do monumento, definindo espaço em forma de ferradura (Figs. 5, 6 e 9). Este cuidado revestimento do terreno supõe que o monumento era, aquando da sua utilização funerária, desprovido de *tumulus*. Com efeito, esta estrutura periférica encontra-se directamente relacionada com a existência de uma estela, a seguir descrita, cuja implantação no terreno se efectuava ao mesmo nível, ficando no entanto por esclarecer se o empedrado é reportável à fase de construção do dólmen, ou já à sua reutilização, conotável com a erecção da estela, alternativa que se afigura mais provável.

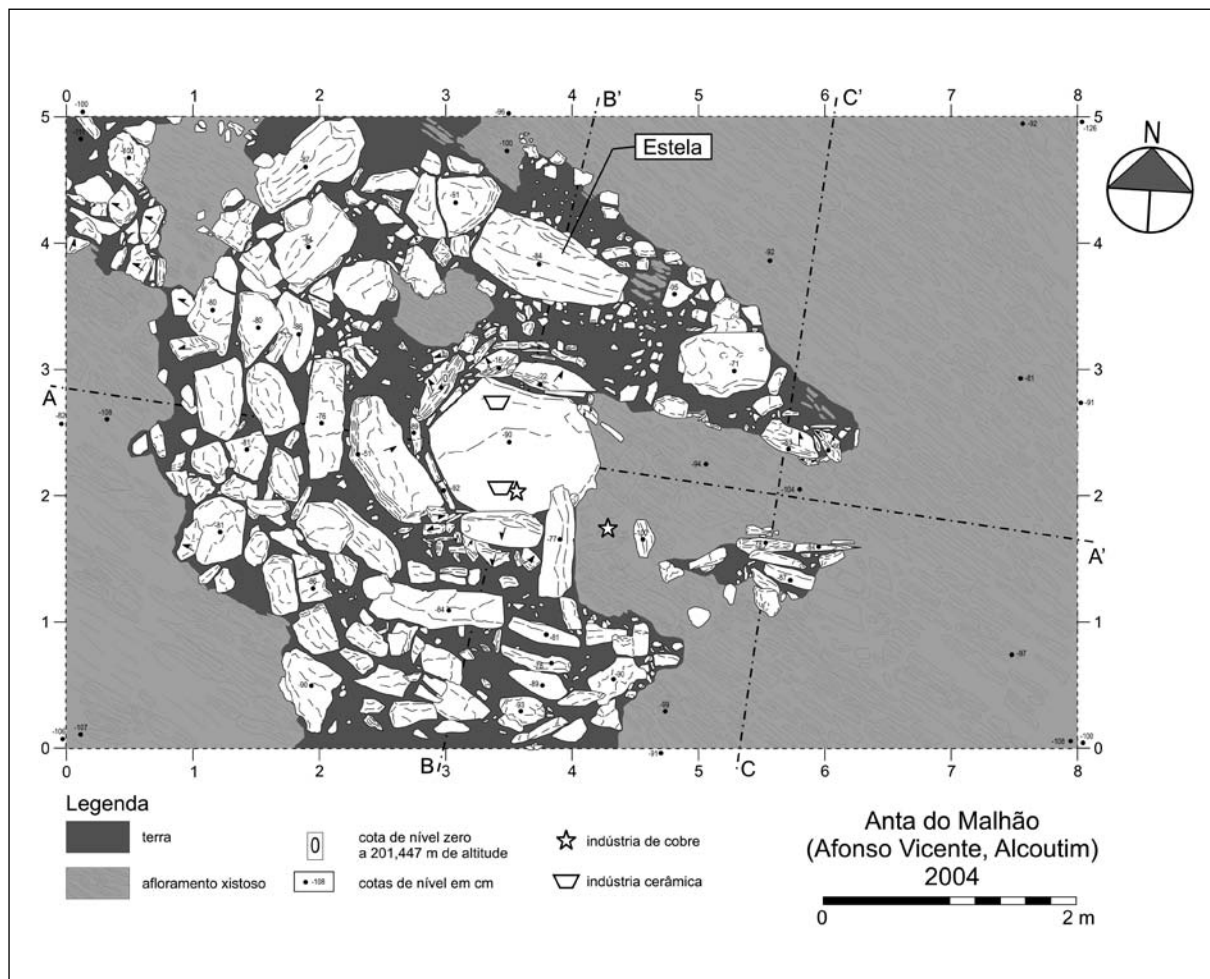


Fig. 9 – Anta do Malhão. Planta da área escavada, com a localização dos cortes e dos espólios exumados.

A estela possui formato tabular e contorno sub-rectangular (Fig. 11), é de grauvaque, com o comprimento máximo de 1,23 m e a largura máxima, atingida a meia-altura, de 0,57 m, e jazia tombada no exterior da câmara e do seu lado direito, local onde, originalmente, se devia erguer (Fig. 9). Encontra-se decorada na face frontal por uma “covinha” de pequenas dimensões, no centro da metade superior daquela, com o diâmetro de 0,03 m, produzida por picotagem e aparentemente com acabamento obtido por abrasão, como sugere a superfície regular do seu interior. A esta “covinha”, junta-se provavelmente uma outra, de menores dimensões, menos evidente, situada a meio da mesma face do monumento. A erecção da estela, de carácter funerário, relaciona-se sem dúvida com a utilização funerária do monumento, no final do

Calcolítico. É a esta mesma época que remontará a totalidade do espólio arqueológico, correspondente a uma tumulação ali realizada. Deste modo, a estela estaria associada à sua primeira e única utilização. Tal conclusão é de grande relevância, por remeter para a época daquela tumulação a génese das estelas ditas de “tipo alentejano”, que, logo depois, se irão multiplicar nas necrópoles de cistas do Bronze do Sudoeste.

Esta estela assume ainda um interesse adicional, correspondente à representação de uma ou duas covinhas, elemento que, sem poder ser atribuído a nenhuma época em particular, se afigura possuir aqui carácter funerário, à semelhança do conjunto de covinhas observadas no esteio do lado direito da entrada do corredor da *tholos* de Tituarria (Mafra) (Cardoso *et al.*, 1996, Figs. 12, 13).

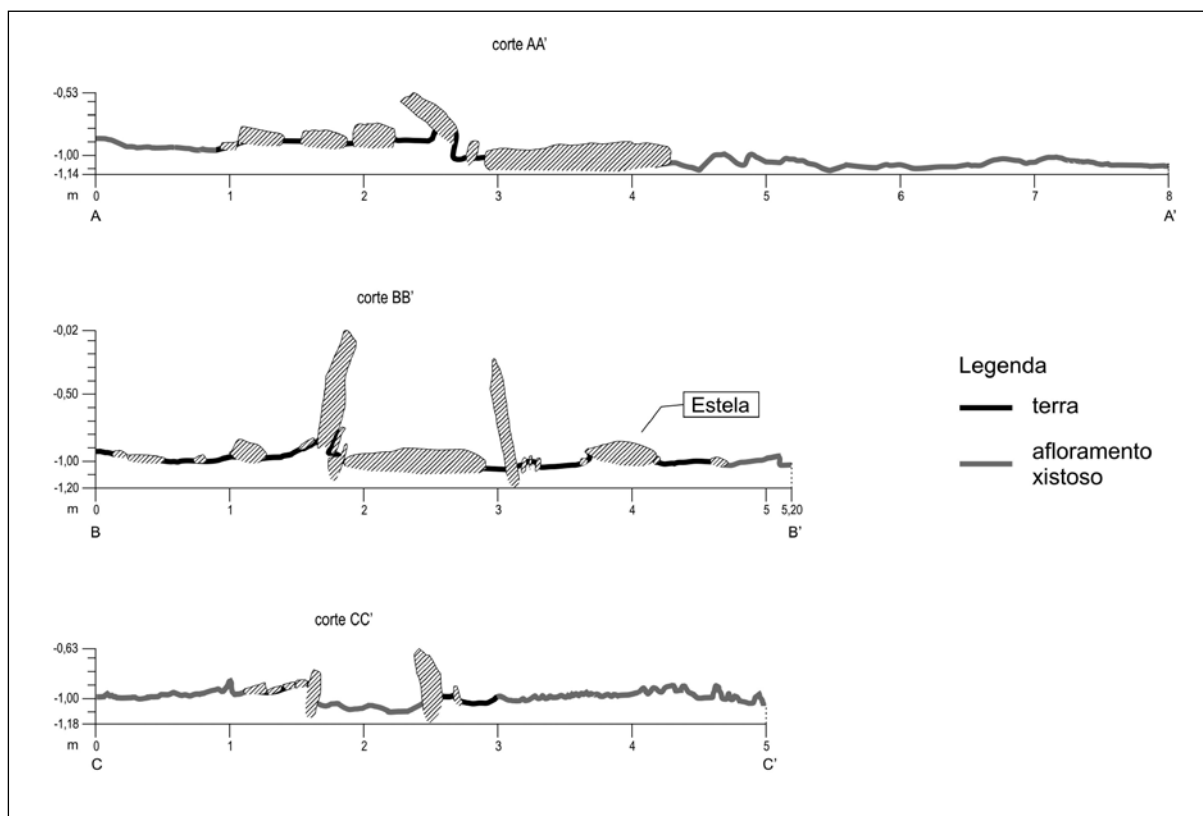


Fig. 10 – Anta do Malhão. Cortes longitudinal (AA') e transversais (BB' e CC').

4.2. Espólio arqueológico

Condições de jazida

O espólio arqueológico encontrava-se depositado a escassa profundidade, a partir da superfície do terreno depois de limpo, que não ultrapassava os 20 a 25 cm. Dispunha-se sobre uma camada terrosa amarelada, com cerca de 10 a 15 cm de potência, que se acumulou na câmara do monumento, sobre a laje que constitui o seu embasamento primitivo, e no corredor. A formação desta camada pode ser, deste modo, conotável com o intervalo de tempo que mediou entre a construção do dólmen, no Neolítico Final convencional, nos últimos séculos do IV milénio a.C., e a sua reutilização, cerca de mil anos depois, na transição do Calcolítico para a Idade do Bronze. É provável que a deposição funerária então ali efectuada, corresponda a rearranjos localizados do pequeno megálito pré-existente, como sugere a existência de uma laje disposta horizontalmente, próximo do local onde se recolheu um punhal, que pode corresponder à cobertura da sepultura (Fig. 16).

No conjunto, o espólio exumado configura uma situação considerada à partida pouco provável: com efeito, não obstante o monumento se situar em local de grande visibilidade e ser facilmente acessível, o seu interior revelou uma inumação intacta, conservando-se os materiais a ela associados ainda nas posições em que primitivamente foram colocados, não obstante a pouca profundidade a que jaziam. Este aspecto faz com que os materiais exumados assumam relevante importância na discussão do significado cronológico e cultural do Horizonte de Ferradeira, nos quais se inserem, como se verá.

Vaso de bojo reentrante, de carena alta (Fig. 12). Recipiente liso, completo e encontrado *in situ*, no espaço constituído pela reunião dos dois esteios do lado direito da câmara (Fig. 9), ligeiramente inclinado sobre um dos lados, com a altura máxima de 12,8 cm e o diâmetro máximo, verificado no bojo, junto à carena, de 18,5 cm. Trata-se de forma que evoca recipientes do Bronze do Sudoeste, dos quais se admite ter sido o precursor.

Taça em calote (Fig. 13). Recipiente liso, completo e também recolhido *in situ*, do lado esquerdo da câmara e perto da entrada desta (Fig. 9). Pela sua posição, conteria seguramente alguma substância, utilizada como oferenda. Possui a altura máxima de 5,4 cm e o diâmetro máximo de 12,0 cm. Trata-se de forma de ampla distribuição cronológica e geográfica, estando representada em contextos homólogos (caso das próprias sepulturas de Ferradeira) e, logo depois, nas necrópoles de cistas do Bronze do Sudoeste.

Ponta Palmela (Fig. 14). Sob a taça em calote, foi recolhida uma ponta Palmela, de cobre arsenical, com a ponta orientada para Noroeste, ou seja, para o interior da câmara funerária. A posição deste projectil, tal como foi encontrado, leva a concluir que não esteve fixado à haste aquando da sua deposição, de cunho evidentemente ritual. Do ponto de vista tipológico, trata-se de exemplar evoluído, no quadro das pontas Palmela, de contorno lanceolado e pedúnculo largo e pouco diferenciado da folha, distinguindo-se dos exemplares mais antigos, em que esta, larga e de contorno rombóide mais acentuado, se encontra claramente diferenciada do estreito pedúnculo (Garrido-Pena, 2000, p.179). Naturalmente, esta conclusão baseia-se numa tendência estatística observada por aquele autor, já que é certo, como bem assinala, terem os diversos tipos coexistido num mesmo conjunto funerário fechado, como o de Fuente Olmedo. A referida evolução pode ser seguida até às pontas de javalina, cujo melhor conjunto peninsular corresponde ao depósito secundário encontrado no dólmen de La Pastora (Sevilha) (Almagro, 1961), e que possui no exemplar do Outeiro de São Bernardo (Moura) (Cardoso, Soares & Araújo, 2002) o seu equivalente português mais notável, por via do estreitamento da folha e do aumento do comprimento do pedúnculo.

As dimensões do presente exemplar são as seguintes: comprimento máximo: 6,2 cm; largura máxima, observada na parte central da folha: 1,3 cm.

Punhal (Figs. 9, 15 e 16). No lado esquerdo do exterior da câmara (Fig. 9), recolheu-se um belo punhal, disposto transversalmente ao eixo do corredor (incompleto) do monumento, com a ponta orientada para Sul (Fig. 15). Aparentemente, esta peça jazia em posição remexida; mas tal hipótese parece contrariada pela sua posição no terreno, rigorosamente horizontal, além de ser artefacto que,

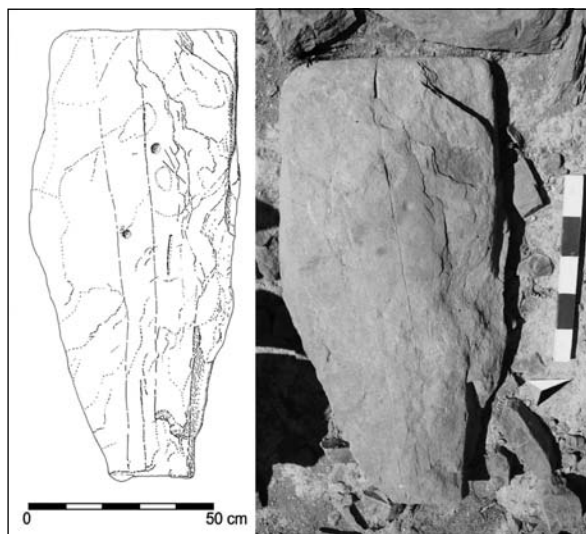


Fig. 11 – Anta do Malhão. Vista da estela identificada do lado direito do monumento (ver Fig. 9) e respectivo desenho, evidenciando-se uma ou duas covinhas, na sua face anterior. Foto de A. Gradim.

pelas suas dimensões, não passaria despercebido a qualquer pesquisador de tesouros, contrariando, por tal facto, aquela hipótese. A sua posição deverá antes relacionar-se com a deposição de um corpo que ocuparia parte da câmara e o espaço a ela imediatamente adjacente. As suas dimensões actuais (pois falta-lhe a ponta), são as seguintes: Comprimento máximo: 26,2 cm; largura máxima, correspondente à zona do encabamento: 3,3 cm.

Trata-se de um punhal de duplo gume de secção lenticular, de cobre arsenical, de características muito invulgares, no quadro das produções dos finais do Calcolítico e dos inícios da Idade do Bronze do sul peninsular. Com efeito, apesar de possuir uma folha de tipologia muito evoluída, estreita e acentuadamente longa, a tal ponto que os bordos laterais apresentam contorno ligeiramente côncavo, sublinhando a elegância da peça, com paralelos próximos nas produções argáicas, o encabamento, ao contrário do verificado no conjunto dos exemplares compulsados daquela época (Brandherm, 2003), não é assegurado por rebitagem, distinguindo-se, por seu turno, dos exemplares calcolíticos, por apresentar um talão batido e de contorno convexo, desprovido, ao contrário daqueles, da característica lingueta ou do pedúnculo de encabamento, ou ainda de chanfros ou entalhes laterais destinados ao mesmo fim. Trata-se, pois, de uma produção híbrida, tipologicamente evoluída, claramente afim dos punhais argáicos, mas

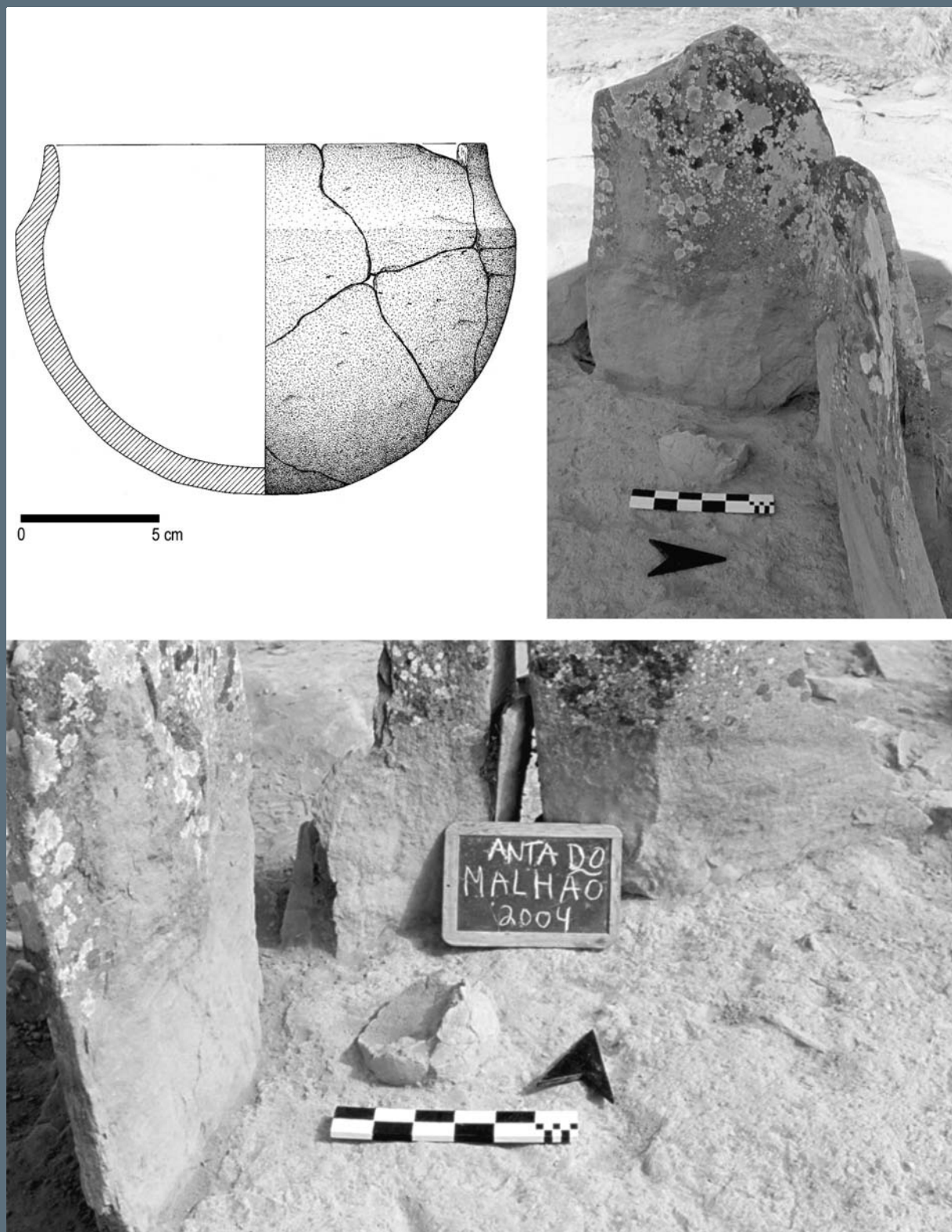


Fig. 12 – Anta do Malhão. Desenho do vaso de carena alta recolhido e sua localização na câmara do monumento (ver Fig. 9). Fotos de J. L. Cardoso.

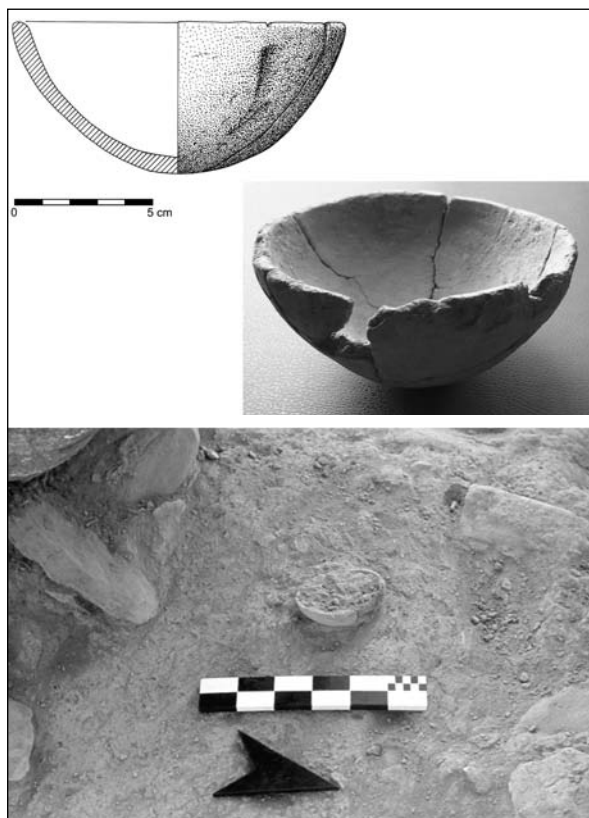


Fig. 13 – Anta do Malhão. Desenho e fotografia da taça em calote recolhida e sua localização na câmara do monumento (ver Fig. 9). Fotos de J. L. Cardoso.

conservando a tradição calcolítica de encabamento sem recurso a rebitagem, ao contrário do observado na generalidade daqueles.

Tanto a ponta Palmela como o punhal já foram analisados, no âmbito do Projecto de Investigação sobre Arqueometalurgia do território português, aprovado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Projecto PTDC / HIS-ARQ / 110 442 / 2008).

5. Discussão e integração cronológico-cultural

5.1. Arquitectura

Os aspectos peculiares de carácter construtivo observados neste monumento, quase não têm paralelos em outros monumentos congêneres portugueses. Assim, parece ser a segunda vez que se documenta a existência de monumento não concluído, fornecendo, pelos pormenores

observados, interessantes elementos sobre a sequência construtiva adoptada. A primeira vez que se identificou no território português um monumento dolménico nestas mesmas circunstâncias, com base em escavações inéditas de Victor S. Gonçalves, corresponde à anta 1 da Cegonha (Alvito), a qual, dos sete esteios que originalmente deveriam constituir a câmara, só seis foram erigidos, não tendo a fundação do último sido sequer preparada, tal como todo o corredor. O referido monumento vem confirmar, por outro lado, a sequência construtiva evidenciada na anta do Malhão, a qual se iniciaria pela câmara, seguindo-se o corredor.

Logo que escolhido o local da câmara, a posição e orientação do corredor foi determinada pela fixação do dois primeiros esteios, fincados de cada lado da futura entrada do monumento. Mas a construção do corredor não chegou a concluir-se. As razões para essa situação poderão residir no facto de, prolongada a orientação do corredor para o interior da câmara, esta não intersectava nenhum esteio, correspondendo antes à junção de dois deles, conduzindo assim a um monumento desprovido de cabeceira. Deste modo, apesar do elevado esforço já investido, especialmente na obtenção e colocação da grande laje que ocupa integralmente o chão da câmara, o monumento, não reunindo condições para ser concluído, foi abandonado.

A situação descrita leva a concluir que a orientação do corredor era a única correcta, a tal ponto que não podia sofrer alterações, apesar de ser muito mais fácil de alterar que a posição da câmara. Não podendo aquela ser alterada, por prescrições que desconhecemos – para o que bastaria colocar os dois esteios de entrada numa outra posição – e estando já integralmente construída a câmara, para que esta tivesse um esteio de cabeceira, como exigiriam os cânones da época, os construtores seriam obrigados a desmontá-la integralmente, o que preferiram não fazer, ao menos naquela altura. Desconhecem-se as razões que levaram a que tal iniciativa não tenha sido tomada, talvez porque o sepulcro não tivesse necessidade de ser utilizado de imediato, à semelhança do verificado em dólmen explorado por Jorge de Oliveira no Nordeste alentejano, entretanto derruído por causas sismológicas, que concluiu também não ter sido objecto de utilização funerária, dada a absoluta ausência de espólio. Esta observação leva a admitir que a ausência de espólios em outros monumentos dolménicos espalhados pelo território nacional possa, entre outras, possuir esta explicação.

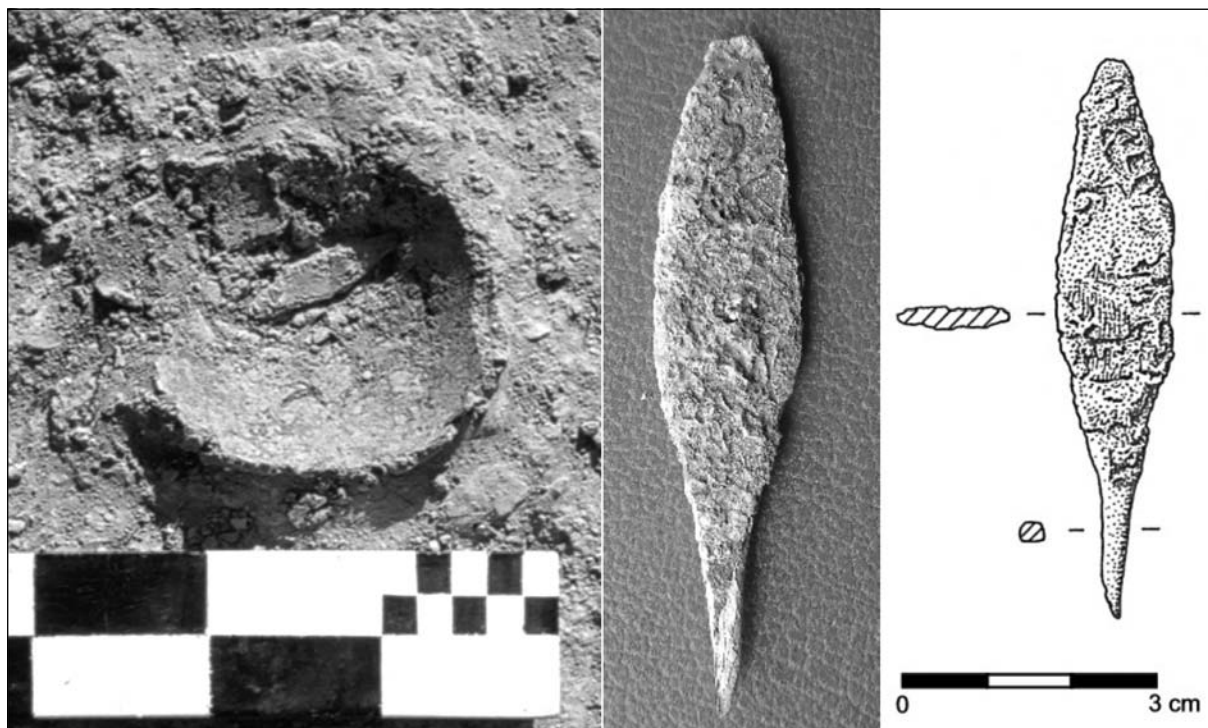


Fig. 14 – Anta do Malhão. Desenho e fotografia da ponta Palmela e sua localização sob a taça em calote da Fig. anterior (ver Fig. 9). Fotos de J. L. Cardoso.

Por outro lado, a prática de revestir integralmente o chão da câmara do monumento dolménico com uma grande laje, não encontra paralelo, que se saiba, em nenhum outro monumento similar do actual território português, muito embora, ainda de acordo com informações prestadas por aquele arqueólogo, se conheçam antas cuja câmara foi forrada por empedrado de lajes, como é o caso da anta da Joaninha (Cedillo) e, em território português da anta da Horta, em terrenos da Coudelaria Nacional (Alter do Chão). Situação idêntica registou-se na Anta 6 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova), onde, no interior da espaçosa câmara poligonal deste monumento, foi colocada uma grande laje de xisto, muito regular, sobre a qual se terá depositado um corpo, acompanhado de oferendas (Cardoso, 2008).

Já no respeitante às *tholoi*, existem mais informações a tal respeito: assim, a câmara do monumento de Monte Velho (Ourique), encontrava-se totalmente forrada de lajes (Viana, Andrade & Ferreira, 1961). No Algarve, o interior de diversas *tholoi* da nedrópole de Alcalar, exploradas por Estácio da Veiga, encontravam-se também total ou parcialmente forradas por lajes, destacando-se o notável monumento 7 da necrópole de Alcalar, cujo

corredor e câmara foram totalmente revestidos por lajeado, observando-se, nesta última, uma enorme laje que preenche a maior parte do respectivo piso (Morán e Parreira, 2004:95). No próprio concelho de Alcoutim, é de mencionar a *tholos* da Eira dos Palheiros, cuja câmara também se encontrava integralmente forrada de lajes (Gonçalves, 1989).



Fig. 15 – Anta do Malhão. Vista obtida do lado esquerdo do corredor do monumento, assinalando-se com uma seta a localização do punhal, disposto horizontalmente e em posição transversal ao corredor. Em segundo plano, ao fundo, observa-se a povoação de Afonso Vicente, cerca de 1 km para Norte. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 16 – Anta do Malhão. Desenho e fotografia do punhal e sua localização na zona do corredor do monumento. Foto de J. L. Cardoso.

5.2. Espólio arqueológico

A fase representada pela construção do monumento, atribuível a finais do IV milénio a.C., não tem equivalente no registo arqueológico móvel, dado que aquele, tendo ficado inacabado, não foi utilizado. Assim, o espólio exumado pertence integralmente a uma única reutilização, verificada cerca de mil anos depois, quando, no interior da câmara, já se tinha acumulado uma fina camada amarelada, fortemente argilosa, com cerca de 10 a 15 cm de espessura. Foi sobre esta camada que se efectuou a deposição de um corpo, do qual nada se conseguiu recolher.

O conjunto arqueológico exumado revela a sepultura de um personagem pertencente à

superestrutura social que exercia o poder. Com efeito, além da ponta Palmela, artefacto comum em conjuntos similares, assume particular importância o belo punhal, cuja existência, por si só, denuncia o nível social do inumado no seio da comunidade a que pertencia.

Infelizmente, como é normal nestes casos, desconhecem-se os locais habitados na região por estas comunidades dos finais do Calcolítico/inícios da Idade do Bronze, sendo natural que, antecedendo a situação verificada logo a seguir, no decurso do Bronze do Sudoeste, correspondessem a pequenos aglomerados onde se praticava, além de uma economia agropastoril de subsistência, a exploração das mineralizações cupríferas disseminadas pela região.

As características tipológicas do punhal, sem dúvida a peça mais relevante do espólio exumado, são condizentes com a tipologia do vaso liso recuperado e com as características evoluídas da ponta Palmela, remetendo a tumulação para o período de transição entre o Calcolítico e a Idade do Bronze. Tal período encontra-se representado, na área do Sudoeste peninsular, pelo “Horizonte de Ferradeira”, designação proposta por H. Schubart (Schubart, 1971), a partir do espólio exumado numa sepultura cistóide individual, que fazia parte de um conjunto de três, identificadas no sítio epónimo, do concelho de Faro (Franco & Viana, 1948). As cistas afins à de Ferradeira, cujas características e espólios foram comparados por H. Schubart a outras, do Algarve e do Baixo Alentejo (Vila Nova de Milfontes, Odemira, Aljezur e Aljustrel), por vezes com base apenas em semelhanças tipológicas, consubstanciariam uma realidade material, a que Schubart atribuiu significado cronológico-cultural próprio.

Definido com base em um conjunto artefactual cuja coerência interna não se encontrava à época cabalmente demonstrada, de carácter exclusivamente funerário, o referido termo passou a designar as associações artefactuais de afinidades campaniformes, mas das quais os vasos campaniformes decorados já não faziam parte integrante, mas apenas os seus equivalentes lisos, abarcando todo o sul do território português e parte da Andaluzia ocidental. A sepultura epónima correspondia a uma cista que continha uma taça de carena baixa lisa (afim das da Idade do Bronze), um braçal de arqueiro e uma ponta Palmela de cobre, de tipologia evoluída, tal como a do exemplar exumado na anta do Malhão, a que se juntava, oriundo de outra sepultura do mesmo local, uma pequena taça em calote, igualmente com paralelo na taça recuperada no monumento em estudo. A este conjunto associar-se-iam outras produções campaniformes características, como os punhais de lingueta, que na verdade ocorrem em outros conjuntos supostamente isolados.

Estas cistas têm provavelmente antecedentes locais. Porém, a única até ao presente objecto de escavação, foi a cista do Cerro do Malhão, Alcoutim, a qual se encontrava, tal como o monumento em apreço, circundada por empedrado de lajes de grauaque, o que indica a ausência de *tumulus*; embora violada, forneceu um machado intacto de anfibolito e uma ponta de seta curta, de base

cavada, de tipologia claramente calcolítica, além de um pequeníssimo fragmento de placa de xisto gravada (Cardoso e Gradim, 2003).

Porém, aparte a informação fornecida pelas sepulturas de Ferradeira, que de facto correspondem a contextos homogéneos e fechados, o suporte material daquela realidade arqueológica afigurava-se pouco consistente, já que se baseava, essencialmente, em escavações antigas de que resultaram peças cujas associações contextuais nem sempre se afiguram claras. É o caso do conjunto atribuído a uma sepultura secundária efectuada na *tholos* do Monte do Outeiro (Aljustrel), a qual continha dois vasos campaniformes lisos, dois vasos de carena alta de perfil suave, com afinidades ao exemplar exumado na sepultura em apreço, uma ponta Palmela igualmente de tipo evoluído e um conjunto de taças em calote ou de esféricos baixos (Schubart, 1965), também lisos, alguns deles idênticos à taça do monumento em estudo.

Face ao exposto, assume particular interesse a presente ocorrência, já que, na região algarvia, é a primeira, depois da sepultura de Ferradeira a poder ser invocada em apoio daquela proposta. O paralelo mais directo e sugestivo corresponde à inumação secundária, também de carácter individual, recentemente identificada no monumento calcolítico de Monte da Velha (Serpa) (Soares, 2008; Soares *et al.*, 2009), à qual se associaram três recipientes lisos, colocados uns dentro dos outros: uma taça em calote, um esférico baixo e um vaso campaniforme. Pela primeira vez, foi possível obter datação absoluta para uma inumação pertencente a este horizonte cultural:

Beta-194027 – 3900 ± 40 BP,

a qual, depois de calibrada, fazendo uso do programa CALIB Rev 5.0.1 e da curva INTCAL04, para dois sigma, deu o seguinte intervalo:

2479-2280 cal BC (0,97096 em 1,00000).

Pode, pois, concluir-se, que a tumulação secundária individual do monumento de Monte da Velha, se situará no terceiro quartel do III milénio a.C., época que corresponderá, no sul de Portugal, no entender de A. M. Monge Soares, à transição do Calcolítico para a Idade do Bronze. Crê-se, no entanto, que tal transição se prolongou pelo último quartel do III milénio a.C., aceitando-se, tanto por questões de carácter económico-social – com antecedentes no decurso do Calcolítico, como é o caso da emergência e generalização da prática do sepultamento individual, que substituiu o colectivo

– como de carácter temporal, que a tal período se incluía no Bronze Inicial, na sequência das propostas apresentadas por diversos autores (Mataloto, 2006), o qual seria sinónimo, no sul do país, do chamado Horizonte de Ferradeira.

Com efeito, a emergência do Bronze do Sudoeste, equivalente do Bronze Pleno, neste espaço geográfico, só se terá verificado, de acordo com as datações conhecidas, tanto de sítios habitacionais como funerários da Estremadura portuguesa e da região do Sudoeste, incluindo a Extremadura espanhola (caso do Castelo de Alanje, Badajoz), no primeiro quartel do II milénio a.C. (ver síntese em Mataloto, 2006), pelo que o último quartel do III milénio a.C. deve integrar-se ainda naquele período de transição.

Por outro lado, a tumulação agora publicada, pela tipologia do espólio sugere época mais recente que as associações fechadas até agora publicadas e atribuídas ao Horizonte de Ferradeira. Com efeito, ao contrário do verificado com a generalidade daquelas, não ocorre nenhum vaso campaniforme liso, afigurando-se o recipiente de carena alta como um elemento de transição entre as produções campaniformes (vasos campaniformes, e, sobretudo, caçoilas de diversos tipos) e os recipientes carenados do Bronze do Sudoeste. Nesse mesmo sentido concorre a tipologia do punhal, que, como se referiu, corresponde a forma de transição entre as panóplias calcolíticas e as da Idade do Bronze, sendo claramente mais próximo destas últimas produções. Deste modo, crê-se que a cronologia a atribuir à tumulação da anta do Malhão se deve incluir nos finais do III milénio a.C., imediatamente antes da emergência do Bronze do Sudoeste na região, no primeiro quartel do milénio seguinte. Note-se que este processo de transição não foi uniforme nem conheceu as mesmas balizas cronológicas em outras áreas do sul peninsular. No Baixo Guadalquivir, a necrópole de Guadajira (Badajoz), atribuída a esse curto período de transição para a Idade do Bronze, corresponderá às últimas expressões das sepulturas colectivas. Na sepultura 3, a par de um fragmento de vaso campaniforme inciso, foram recolhidos fragmento de punhal de lingueta, cinco pontas Palmela e assinalável conjunto de cerâmicas lisas, entre as quais formas típicas do Bronze do Sudoeste (Hurtado Pérez & García Sanjuán, 1994, Figs. 7 a 13). Admitindo, como os autores referidos, que as produções de tipologia mais moderna, claramente

integráveis no Bronze do Sudoeste, sejam de facto coevas das produções campaniformes decoradas – veja-se, por oposição, a situação descrita por Schubart, em 1971, na sepultura megalítica calcolítica do Colado de Monte Nuevo, Olivenza, onde se identificou reutilização funerária no Bronze do Sudoeste, cf. Schubart, 1973, o que justifica cuidados redobrados na interpretação da realidade material – tal obrigaria a considerar uma sobrevivência das produções campaniformes no decurso da primeira metade do II milénio a.C., o que, em Portugal, não se terá certamente verificado. Note-se que H. Schubart integrou fragmento de taça Palmela com decoração a pontilhado recolhida em Aljustrel – então o único exemplar publicado no Baixo Alentejo – entre os “itens” do seu Horizonte de Ferradeira, o que se afigura contraditório à sua própria definição (Schubart, 1971, Fig. 3 a).

Em suma: o Horizonte de Ferradeira, corresponderá, globalmente, no sul do País, à segunda metade do III milénio a.C. Num primeiro momento, reportável ao terceiro quartel do III milénio a.C., assistiu-se à realização de tumulações individuais, aproveitando, para o efeito, monumentos anteriores, como é o caso de Monte do Outeiro e de Monte da Velha, com a presença de vasos campaniformes lisos. Tal prática vem na sequência da tradição campaniforme plenamente afirmada no período imediatamente anterior, de que são exemplo as tumulações secundárias com materiais campaniformes decorados incisos, associados ou não a vasos campaniformes lisos, observadas em diversos monumentos dolménicos alto-alentejanos (Mataloto, 2006).

Num segundo momento do Horizonte de Ferradeira, já do último quartel do III milénio a.C., corporizado de momento apenas pelo caso em apreço e talvez pela necrópole de Ferradeira, parece verificar-se a ausência de vasos campaniformes, substituídos por produções cerâmicas afins das do Bronze do Sudoeste, mantendo-se as pontas Palmela, e desaparecendo os punhais de lingueta, por sua vez substituídos por exemplares afins de alguns modelos argáricos, como é o caso em apreço. Traço comum aos dois momentos, foi a manutenção da prática de tumulações individuais, aproveitando estruturas pré-existentes, como é o caso da anta do Malhão, ou construídas de novo, como a cista de Ferradeira, com antecedentes locais, evocando continuidade no campo das práticas funerárias: é o caso da cista megalítica do Cerro do

Malhão (Alcoutim), atribuída ao Neolítico Final ou ao Calcolítico a qual, tal como a anta do Malhão, era provida de um lageado periférico à estrutura tumular (Cardoso e Gradim, 2003), à semelhança do verificado em cistas muito mais modernas, já da Idade do Ferro, como as dos núcleos I e II da necrópole do Cabeço da Vaca (Alcoutim) (Cardoso e Gradim, 2006, 2007), o que parece configurar particularidade regional de carácter transcultural.

6. Conclusões

A escavação da anta do Malhão, realizada com carácter preventivo, tendo presentes os factores que poderiam conduzir, a breve trecho, à sua destruição, permitiu identificar diversas realidades que importa sublinhar, dada a sua relevância, tanto para o conhecimento do megalitismo do sul peninsular, como para o reforço da plena legitimidade do “Horizonte de Ferradeira”, de que passa a constituir um das ocorrências mais expressivas. Assim:

1 – Documentou-se a existência de um pequeno monumento megalítico, integralmente construído com monólitos de grauvaque, situável nos finais do IV milénio a.C., provido câmara poligonal e corredor, de pequeno tamanho, cuja construção não foi concluída, não tendo, por conseguinte, utilização primária como sepulcro, realidade que tem apenas um elemento de comparação compulsado em território português, ainda inédito: trata-se da anta 1 da Cegonha (Alvito). Tal situação permitiu, assim, comprovar, pela primeira vez, a sequência construtiva adoptada:

- em primeiro lugar, posicionou-se no terreno, depois de convenientemente regularizado o substrato xisto-grauváquico na área da câmara do monumento, a grande laje que ocupa a totalidade do interior daquela;

- seguidamente, ajustaram-se aos lados daquela grande laje, de contorno sub-hexagonal, por meio de cunhas constituídas por lascas de grauvaque, os cinco esteios, também de grauvaque, que a delimitaram lateralmente;

- à construção da câmara, sucedeu-se a do corredor, encetando-se esta pela entrada, previamente definida pelos dois esteios que o delimitariam de ambos os lados, mas que não foi continuada: faltou regularizar, por rebaixamento, o substrato geológico no espaço entre a entrada e

a câmara, o qual também não foi delimitado por outros esteios, para além dos dois já referidos. Tanto quanto é do conhecimento dos signatários, trata-se da primeira vez que tal situação se publica no território português; é interessante notar que os estratos, quase verticais, que afloram no local, constituídos por xistos finamente folheados, com intercalações de bancadas de grauvaques, possuem uma orientação discordante da que se pretendeu dar ao corredor (Fig. 6) o que dificultou a sua construção; esta situação reforça a convicção que a orientação deste obedeceu a um critério rigoroso e objectivo, que desconhecemos;

2 – Apesar de inacabado, e das suas pequenas dimensões, o megálito mereceu cuidados construtivos especiais: assim, o interior da câmara encontra-se integralmente ocupado pela grande laje de grauvaque acima mencionada, conferido ao piso uma robustez e regularidade assinaláveis. Note-se que é a primeira vez que se documenta em um monumento dolménico do território português tal solução arquitectónica, a qual, contudo, veio a ser ulteriormente adoptada em algumas *tholoi*, embora através de empedrados, e não por via de uma única laje, como é o caso.

3 – O exterior da câmara do monumento encontra-se envolvido por um empedrado com planta em ferradura, constituído por lajes de grauvaque alongadas. A regularidade da superfície assim construída, mostra que se destinava a ser vista e utilizada, o que obrigaria à ausência de cobertura tumular do monumento, à semelhança do verificado em diversas sepulturas cistóides da região, desde o Neolítico Final/Calcolítico, até à I Idade do Ferro. Esta estrutura periférica pode ter sido construída na primeira fase do monumento, mas é mais provável que remonte à reutilização do mesmo. Com efeito, uma estela, encontrada tombada, do lado direito da câmara, sem dúvida relacionada com a única tumulação nele efectuada, implantava-se no terreno ao mesmo nível do lageado, pelo que é admissível que este constituísse elemento arquitectónico adicionado ulteriormente e integrado no espaço cénico que se pretendeu então construir.

4 – A estela erguia-se do lado direito da câmara do monumento e marcaria a única tumulação nele realizada. Pode, assim, considerar-se como antecedente imediata – e até agora única – das

numerosas estelas do Bronze do Sudoeste, ditas de “tipo alentejano”, implantadas nas respectivas necrópoles de cistas. Apresenta-se, ao contrário destas, quase sem decoração, visto possuir apenas uma (ou duas) pequenas covinhas, que poderiam simbolizar a personagem tumulada.

5 – Pela natureza dos artefactos, trata-se de tumulação de personagem masculina, que pertencia à elite guerreira de uma das pequenas comunidades que, nos finais do III milénio a.C. viviam na região, conhecidas até agora, exclusivamente, pelos respectivos testemunhos funerários e, ainda assim, de forma muito truncada e incompleta.

6 – A tipologia do vaso cerâmico, e, sobretudo, a do longo e estreito punhal, a par da ponta Palmela, indicam época avançada do Horizonte de Ferradeira, do qual constituem até o presente, o único testemunho fiável na região algarvia, desde a publicação da própria necrópole de cistas epónima, do concelho de Faro, em 1948. Trata-se, com efeito, de um conjunto arqueológico fechado e completo, e que, por tal facto, assume grande relevância para a discussão do conceito proposto por Schubart, cuja legitimidade vem confirmar, permitindo mesmo a consideração de um faseamento interno em duas fases: uma fase mais antiga, com vasos campaniformes lisos e punhais de lingueta de tradição campaniforme, datada do terceiro quartel do III milénio a.c., pela sepultura secundária do Monte da Velha (Serpa); e uma fase mais recente, representada por ora, apenas pela presente ocorrência e, eventualmente, pela própria necrópole do sítio epónimo de Ferradeira, do último quartel do III milénio a.c.

Agradecimentos

Ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Alcoutim, Dr. Francisco Amaral, por ter disponibilizado os meios técnicos, logísticos e financeiros que possibilitaram a intervenção arqueológica.

Ao Prof. Doutor Víctor S. Gonçalves, pelas informações inéditas sobre a anta 1 de Cegonha (Alvito), de cuja escavação foi responsável;

Ao Prof. Doutor Jorge de Oliveira, pelas informações sobre diversos monumentos dolménicos do Alto Alentejo e do território fronteiriço de Cedillo (Espanha), por si explorados.

Bibliografia

Almagro, M. (1961) – *El ajuar del “dolmen de La Pastora” de Valencina del Alcor (Sevilla). Sus paralelos y su cronología*. Madrid: Trabajos de Prehistoria, 5.

Brandherm, D. (2003) – *Die Dolche und Stabdolche der Steinkupfer- und der älteren Bronzezeit auf der Iberischen Halbinsel*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag (Prähistorische Bronzefunde Abteilung VI, 12. Band).

Cardoso, J. L. & Gradim, A. (2003) – A cista megalítica do Cerro do Malhão (Alcoutim). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2), pp. 167-179.

Cardoso, J. L. & Gradim, A. (2006) – A necrópole da I Idade do Ferro de Cabeço da Vaca I (Alcoutim). 3º. *Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2005)*. Actas. Silves: Câmara Municipal de Silves, 1, pp. 201-226.

Cardoso, J. L. & Gradim, A. (2007) – O núcleo II da necrópole da Idade do Ferro de Cabeço da Vaca (Alcoutim). 5º. *Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2007)*. Actas. Silves: Câmara Municipal de Silves, 1, pp. 103-116.

Cardoso, J. L. (2008) – The megalithic tombs of southern Beira Interior, Portugal: recent contributions. In *Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian Peninsula* (P. Bueno-Ramírez, R. Barroso-Bermejo & R. de Balbín-Behrmann, eds.). Oxford: British Archaeological Reports, International Series 1765, pp. 103-115.

Cardoso, J. L. et al. (1996) – O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Maфра). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, pp. 135-193.

Cardoso, J. L.; Soares, A. M. Monge & Araújo, M. F. (2002) – O espólio metálico do Outeiro de S. Bernardo (Moura): uma reapreciação à luz de velhos documentos e de outros achados. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 20, pp. 77-114.

Franco, M. Lysrer & Viana, A. (1948) – Cemitério da Idade do Bronze nos arredores de Faro. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 11 (3/4), pp. 299-305.

Garrido-Pena, R. (2000) – *El campaniforme en La Meseta Central de la Península Ibérica (c. 2500-2000 AC)*. Oxford: British Archaeological Reports, International Series 892.

Gonçalves, V. S. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve oriental*. 2 vols. Lisboa: INIC.

Gonçalves, V. S. (1992) – *Revendo as antas de*

Reguengos de Monsaraz. Lisboa: INIC (Cadernos da Uniarq, 2).

Gradim, A. (1999) – *Relatório das prospeções arqueológicas no âmbito dos projectos florestais (inventário arqueológico) apresentado ao Instituto Português de Arqueologia*. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim (relatório não publicado).

Hurtado Pérez, V. & Garcia Sanjuán, L. (1994) – La necrópolis de Guadajira (Badajoz) y la transición a la Edad del Bronce en la cuenca media del Guadiana. *SPAL*. Sevilla. 3, pp. 95-144.

Mataloto, R. (2006) – Entre Ferradeira e Montelavar: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (2), pp. 83-108.

Morán, E. & Parreira, R. (2004) – O edifício tumular: um estudo arqueológico. In *Alcalar 7 Estudo e reabilitação de um monumento megalítico* (E. Morán & R. Parreira, coord.). Lisboa: IPPAR, pp. 65-121.

Schubart, H. (1965) – As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 75 (1/4), pp. 195-204.

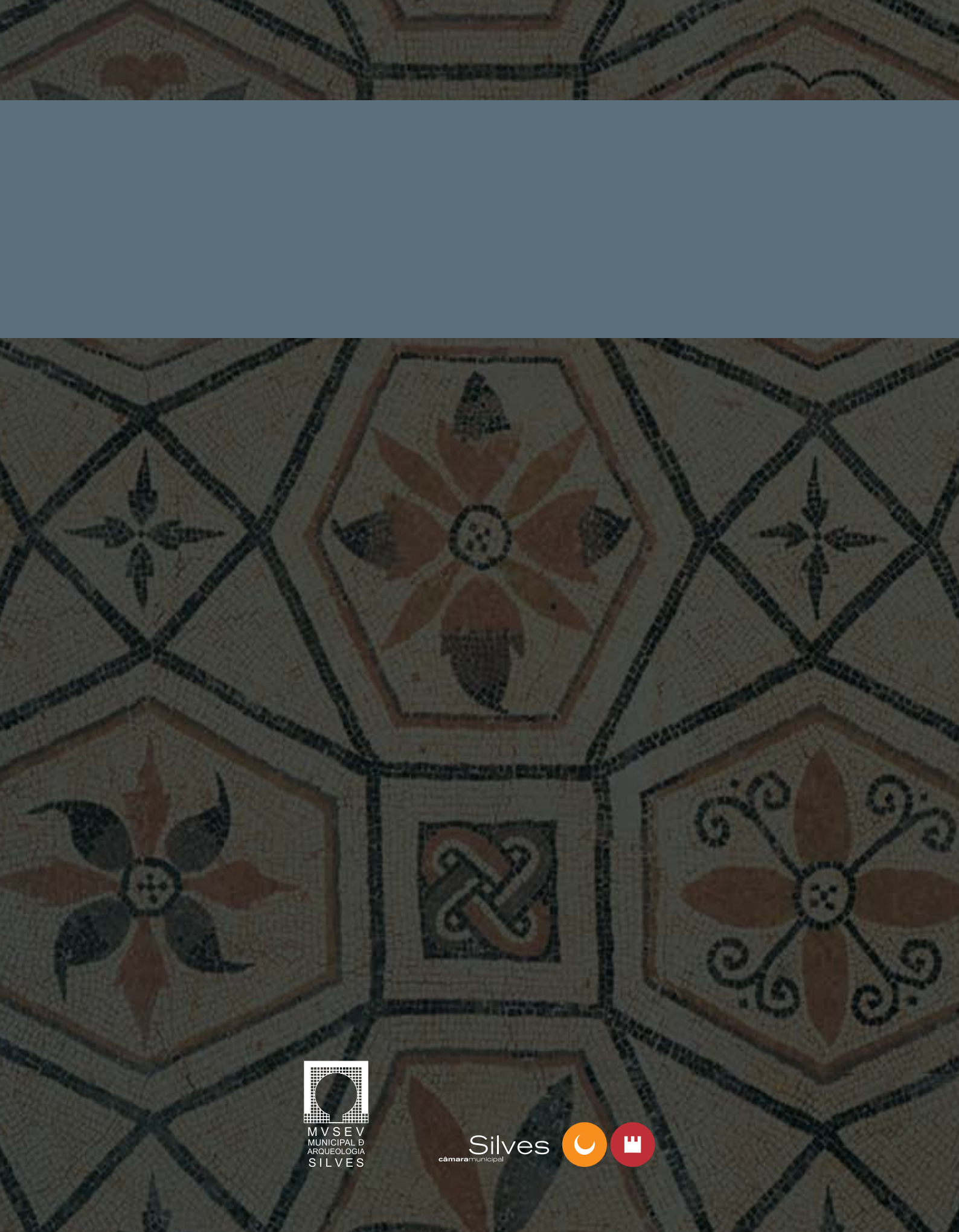
Schubart, H. (1971) – O Horizonte de Ferradeira. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81 (3/4), pp. 189-215.

Schubart, H. (1973) – Tumbas megalíticas com enterramientos secundários de la Edad del Bronce de Colada de Monte Nuevo de Olivenza. *XII Congreso Nacional de Arqueología (Jaén, 1971)*. Actas. Zaragoza, pp. 175-190.

Soares, A. M. Monge (2008) – O monumento megalítico Monte da Velha 1 (MV1) (Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11 (1), pp. 33-51.

Soares, A. M. Monge et al. (2009) – Práticas rituais no Bronze do Sudoeste – alguns dados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, pp. 433-456.

Viana, A.; Andrade, R. Freire de & Ferreira, O. da Veiga (1961) – O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, pp. 483-492.



MUSEU
MUNICIPAL DE
ARQUEOLOGIA
SILVES

Silves
câmara municipal

